



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13675 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“CADÊ O ZÉ-GOTINHA?”: ASPECTOS CURRÍCULO-PEDAGÓGICOS DAS MASCULINIDADES NO YOUTUBE PÓS-COVID-19.

Tiago Duque - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

“CADÊ O ZÉ-GOTINHA?”: ASPECTOS CURRÍCULO-PEDAGÓGICOS DAS MASCULINIDADES NO YOUTUBE PÓS-COVID-19.

Resumo: O objetivo aqui é analisar aspectos currículo-pedagógicos das masculinidades em vídeos e comentários no YouTube referentes ao Zé-Gotinha no período pós-Covid-19. Metodologicamente, utilizou-se a etnográfica digital para encontrar, selecionar e analisar esses dados. O referencial teórico é o pós-crítico em Educação. Concluiu-se que o que há de currículo-pedagógico neles possui aspectos de distintas governamentalidades, da democrática à neoliberal fascista. As masculinidades desse personagem são marcadas por transformações e permanências que envolvem gênero e outras marcas sociais, que vão além dos adjetivos “fofo”, “assustador”, “tóxico” ou “hegemônico”, envolvendo também processos de infantilização, erotização e capacitismo.

Palavras Chaves: Masculinidade, YouTube, Zé Gotinha, Covid-19.

Aqui interessa-me analisar aspectos currículo-pedagógicos das masculinidades em vídeos e comentários do YouTube referentes ao Zé-Gotinha (ZG) no período pós-Covid-19. Ele nasceu na década de 1980 como uma marca governamental para campanhas de vacinação contra a poliomielite. Quem o criou foi o artista plástico, e funcionário do Ministério da Saúde, Darlan Rosa. O nome foi dado a partir de um concurso público envolvendo escolas de todo o país (PORTO; PONTE, 2003). A marca é um sucesso na garantia e adesão ao direito à saúde.

ZG se multiplicou em versões desde a sua origem. Mas, considerando características

necropolíticas do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, como o negacionismo científico e a adesão a movimentos antivacinas (BRITO, 2022), ele deixou de ser vinculado a iniciativas governamentais. Foi por isso que o questionamento “Cadê o Zé-Gotinha?” foi feito em tom provocativo durante a campanha eleitoral pelo atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva (LULA DIZ..., 2021.)

Desde a sua origem, até os seus usos recentes, o ZG está diretamente ligado a práticas de governamentalidade, isto é, àquelas que se referem a tecnologias de governo para o efetivo controle das populações (FOUCAULT, 1987). A governamentalidade tem sido discutida por diferentes pesquisadores/as da área da Educação, apontando para as práticas que estão localizadas em processos de produção de subjetividades e comportamentos à lógica neoliberal do individualismo e do bem-estar social.

Nesse momento histórico, o ZG não passa ileso ao “quadro de inteligibilidade” tecnológico-político-cultural-governamental-pandêmico de uma performatividade masculina (BUTLER, 2003) produzida em meio a tensionamentos, relações de poder, disputas e interesses em torno do que as relações de gênero podem conceber, estabelecer, significar ou transformar (SEFFNER, 2016). Os canais do YouTube, onde encontram-se vídeos e comentários, tornam-se lugares privilegiados para analisar essas masculinidades, afinal, são compreendidos aqui como “dispositivos pedagógicos da mídia” (FISCHER, 2007) – estão envoltos em relações de poder e produção de subjetividades, possuindo currículo e pedagogia cultural.

Aspectos teórico-metodológicos

Utilizou-se nessa pesquisa a etnografia digital no YouTube – após uma fase de aproximação, via perambulação, observação, seleção e registros (LEITÃO; GOMES, 2017), pôde-se identificar, conhecer e sistematizar diferentes dados em relação a questões de gênero envolvendo o personagem ZG. A escolha do YouTube se deu levando em consideração que ele é o site mais acessado do país no que se refere a visualização de vídeos. Metodologicamente, a presença nesses lugares, visualizando vídeos e lendo comentários, permitiu uma presença e observação etnográfica.

A pesquisa iniciou com busca no YouTube com o nome do personagem: “Zé Gotinha”. Em seguida, atentou-se aos vídeos que os algoritmos possibilitaram acessar, sem perder de vista os aspectos éticos (NUNES, 2019). Foram considerados para esse estudo apenas vídeos públicos – por isso eles serão identificados. Mas as identidades de quem postou comentários nos canais serão mantidas no anonimato. Os canais são de perfis muito variados, eles não serão foco de estudo nesse texto.

Diante de um vasto material acessado, apenas serão o foco aqui os vídeos e

comentários marcados por questões de gênero. Contudo, compreendo que o marcador social gênero existe a partir de outras categorias de articulação. Por isso, raça/cor, geração, sexualidade e nacionalidade serão consideradas interseccionadas com gênero. Não em termos sistêmicos, em que a noção de poder é compreendida de forma estrutural, antes, em termos construcionistas, onde é possível compreender o poder e o agenciamento dos envolvidos nas experiências (HENNING, 2015).

A escolha por uma abordagem mais construcionista, nos permite uma identificação com a perspectiva pós-crítica em Educação: compreensão do sujeito de forma não universal; devida atenção aos micropoderes e não utilização de metanarrativas (MEYER; PARAÍSO, 2014). Essa perspectiva não é apenas teórica, mas também metodológica. Ela não compreende a Internet como um universo a parte, antes, como articulada com os espaços de interação não digitais e/ou não on-line (MILLER, 2013).

Análise dos dados

Em um desenho animado de década atrás (ZÉ GOTINHA..., 2011), publicado recentemente no YouTube, ZG aparece enfrentando o “Perna de Pau”, monstro da paralisia infantil. Nele, e em outros vídeos, o ZG é caracterizado a partir do “mito do herói” – personagem simples, com força sobre-humana demonstrada em uma luta triunfante contra o mal (ROCHA, 2003). Nesse sentido, sabemos o quanto os aspectos currículo-pedagógicos nesse lugar midiático reiteram normas, mas também tornam possível “acompanhar a multiplicação dos modos de compreender, dar sentido e viver os gêneros e as sexualidades” (FERRARI *et al.*, 2023, p. 206).

A própria imagem de um monstro deficiente usando prótese de madeira, em alusão aos efeitos da poliomielite, representando quem deve ser eliminado, produz a sua alteridade: um personagem masculino heroico sem deficiência. No mesmo vídeo, outros monstros, nenhum branco como o ZG, são enfrentados por ele em um clima de faroeste. Assim, percebe-se aspectos de uma “gramática capacitista”, que articula raça/cor e gênero (MOREIRA, *et al.*, 2022). Essas representações governamentais não surgem livre de cenas de justificada/legitimada violência.

Em outra delas, ZG aparece empunhando duas bisnagas de vacina – as gotinhas que saem delas representam balas de revólver que afugentam os monstros. Recentemente, na pandemia da Covid-19, o deputado federal Eduardo Bolsonaro divulgou uma imagem onde o ZG segurava um fuzil em forma de seringa, usando a bandeira do Brasil como capa. Nesse sentido, a “masculinidade hegemônica” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013) segue mantendo-se em uma estrutura da ordem de gênero. Os modelos dessa masculinidade, apesar de não corresponder a vida de nenhum homem real, orientam modos de ser e práticas reais.

Contudo, a masculinidade do ZG nem sempre apareceu assim. Em um vídeo cômico, um militar tortura o ZG, que está amarrado e chorando com medo (ZÉ GOTINHA, 2021). Em meio a ameaças, o ator fantasiado de ZG sede à pressão e, em vez de dar a “receita da vacina”, assume ser um “um mascote da Ku Klux Klan”. Tudo muda a ponto de o militar pedir para tirar uma foto com o personagem símbolo do nacionalismo e supremacia branca nos EUA. Considerando a negligência com a vacina, o racismo e a histórica prática de tortura por parte do Estado, um dos comentários no canal faz a alusão ao então ministro da saúde no período da Covid-19: “Esse ‘coronel’ aí parece muito com o General Pazuello kkkkkk”.

Também foi motivo de risos uma imagem do ZG virilizada em que ele aparece sendo interpretado por um homem musculoso, apelidado de “Zé Gotão”. Em uma das fotos ele mostra o abdômen, tórax e bíceps definidos e depilados, mas veste uma enorme cabeça em formato de gota, fantasia que usou em uma campanha na Unidade Básica de Saúde (UBS) onde trabalha. Em entrevista, ele afirmou que tem recebido cantadas de homens e mulheres: “eu iria de boca aberta tomar a vacina”, “essa agulha dói?”, “eu iria até a sua casa tomar” (ZÉ GOTINHA..., 2022).

O ZG erotizado não é comum. Expressões eróticas não foram encontradas para além do “Zé Gotão”. A referência a ele nos comentários de vários vídeos é enquanto um “fofo” e símbolo de certo saudosismo geracional, ainda que comentários confessando que ele era “assustador” para muitas crianças não sejam raros. Mesmo o ZG não usando nenhuma roupa, não se vê representado o seu órgão sexual. A exceção é para um desenho animado mais antigo, onde ele aparece infantilizado, usando nariz e chapéu de palhaço, tocando um enorme bumbo e dançando com várias crianças, em que se vê um pequeno pênis a mostra (ZÉ GOTINHA..., 2011).

Mesmo em versões contemporâneas em que ele está com a sua família, onde não há roupas nos personagens, partes do corpo tidas como sexuais não existem. O “sexo-currículo” (DUQUE, 2020) do ZG é essencialmente performativo, a representação da sua masculinidade, em geral, não é biologicamente marcada pela presença de um pênis. A imagem da família do ZG se intensifica no final da pandemia, ainda no governo Bolsonaro. Ele ganha as cenas no YouTube com esposa, filho e pais envelhecidos (COM FAMÍLIA..., 2021). Com isso, ZG deixa de ser uma criança e a sua heterossexualidade é instituída oficialmente pelo Estado. Isso ocorre em um clima governamental que promoveu uma espécie de “anti-agenda”, que dificulta a narrativa dos direitos humanos, gênero, sexualidade e saúde (AGOSTINI *et al*, 2019).

Nesse clima governamental, destaca-se um nacionalismo/patriotismo cercado de valores religiosos fundamentalistas e neoliberais, com a legitimação da (re)produção da ideia de “masculinidade tóxica” (BRITO, 2022). Não é à toa que ele performatiza uma masculinidade individualmente responsável e preocupada com família e renda, dando voz aos apelos: “Brasil unido por uma pátria vacinada” e “Assim você cuida da sua família, da sua renda e do Brasil” (NOVA/SB..., 2021). Mas há resistências. As reações contrárias ao governo

aparecem nos comentários de diferentes vídeos, principalmente em um que mostra que o ZG deixou de dar a mão para Bolsonaro (BOLSONARO..., 2020). Nele, lê-se: “Meu ídolo desde pequeno”, “não quis se contaminar”, “eu mostraria outro dedo”, etc.

Conclusões

Concluo afirmando que vídeos e comentários sobre o ZG produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações (SABAT, 2001), sem deixar de possibilitar agenciamentos críticos ao governo. Ele, ao longo da sua história, caracterizou-se enquanto masculino em diferentes períodos de governamentalidade, indo da democrática à neoliberal fascista. Isto é, de tempos em que o governo da população e a produção de subjetividades celebravam a garantia de direitos, para tempos pós-Covid-19 em que se prezou pela liberdade e responsabilização individual, assim como pela imposição da negação da outridade (LOCKMANN, 2020).

O que há de currículo-pedagógico nos vídeos e comentários referentes ao ZG analisados pós-Covid-19 tem relação direta com os modos históricos dessas governamentalidades, assim como, com as masculinidades – com a permanências de um personagem nacional, branco e heroico, que vai além de uma identificação apenas “fofa”, “assustadora”, “tóxica” ou “hegemônica”, simultaneamente passando por experiências de infantilização, erotização e capacitismo.

Referências

AGOSTINI, R.; *et al.* A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 24, n. 12, p. 4599-4604, 2019.

BOLSONARO OFERECE aperto de mão, mas zé gotinha não retribui. 2020. 1 vídeo (0:36). Publicado pelo canal Poder360.

BRITO, L. T. “Enfrentar o vírus como homem e não como moleque”: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. **ReDoc**. v. 6 n. 2, p. 150-162, 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COM FAMÍLIA ZÉ GOTINHA, campanha reforça importância da prevenção e da vacinação contra a covid-19. 2021. 1 vídeo (1:02). Publicado pelo canal Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n.1, p. 241-82, 2013.
- DUQUE, T. O sexo-currículo de Lourival na era digital. *In*: RODRIGUES, A.; CAETANO, M. C.; SOARES, M. C. S. (Orgs.). **Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro**. Devires, Salvador, 2020. p. 93-108.
- FERRARI, A., *et al.*, Masculinidades, cinema e subjetividades em Toy Story III. **Textura**, v. 25, n. 61, p. 202-221, 2023
- FISCHER; R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 290-299, 2007.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, p. 41-65, 2017.
- LOCKMANN, K. Governamentalidade neoliberal fascista e o direito à escolarização. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-18, 2020.
- LULA DIZ QUE Bolsonaro mandou zé gotinha embora por pensar que era petista. 2021. 1 vídeo (0:57). Publicado pelo canal Arquivo Eleitoral.
- MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MOREIRA, M. C. N.; *et al.* Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 7, n. 10, p. 3949–58, 2022.
- NOVA/SB - PORTFÓLIO - ministério da saúde - campanha vacinação covid 19. 2021. 1 vídeo (0:30). Publicado pelo canal Agencianovasb.
- NUNES, J. B. C. Pesquisa Online. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p. 146-154.
- PORTO, A; PONTE, C. F. Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada.

História, Ciências, Saúde, v. 10, p. 725-42, 2003.

ROCHA, C. M. V. da. Comunicação social e vacinação. **História, Ciências, Saúde**, v. 10, p. 795-806, 2003.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade**: Representação, Identidade e Diferença no âmbito da Masculinidade Bissexual. Jundiaí: Paco, 2016.

ZÉ GOTINHA gato de Natal? encontramos o Zé Gotão! 2022. 1 vídeo (12:04). Publicado pelo canal Splash.

ZÉ GOTINHA, a história. 2011. 1 vídeo (5:09). Publicado pelo canal Darlanrosa.

ZÉ GOTINHA. 2021. 1 vídeo (2:05). Publicado pelo canal Porta dos Fundos.